



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA – FACET  
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

## **AS MULHERES E SEUS DESAFIOS FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO**

VANESSA TENORIO ANDRADE

ABAETETUBA

2022

VANESSA TENORIO ANDRADE

## **AS MULHERES E SEUS DESAFIOS FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em Matemática, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo dos Santos Barros

ABAETETUBA-Pará

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

A553m Andrade, Vanessa Tenorio.  
As mulheres e seus desafios frente ao mercado de  
trabalho / Vanessa Tenorio Andrade. — 2022.  
27 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Osvaldo dos Santos Barros  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de  
Abaetetuba, Curso de Matemática, Abaetetuba, 2022.

1. Dificuldades de aprendizagem. 2. Diagnósticos. 3.  
Habilidades. 4. Língua materna. 5. Matemática. I. Título.

CDD 016.37

---

VANESSA TENORIO ANDRADE

## AS MULHERES E SEUS DESAFIOS FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Prof. Dr. Osvaldo dos Santos Barros, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Matemática da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, Campus universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção de grau de licenciado em Matemática.

Aprovado em: 19/12/2022.

Conceito: EXCELENTE

### BANCA EXAMINADORA




Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Barros  
Universidade Federal do Pará – Campus Abaetetuba



Prof. Dr. Auberdir Seixas da Costa  
Membro Interna – FACET/CUBT



Profa. Dra. Renata Laurinho da Silva  
Membro Externo – SEMED CAMETA



Profa. Esp. Ana Nayara Campos Barbosa  
Membro Externo – SEMED – Salva Terra

VANESSA TENORIO ANDRADE

## **AS MULHERES E SEUS DESAFIOS FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO**

### RESUMO

O presente trabalho trata das dificuldades que as mulheres enfrentam quando se veem frente ao mercado de trabalho e como essas ideias de segregação das mulheres se fazem presentes, também na formação inicial dos professores de Matemática, assim como nos espaços escolares. O objetivo deste trabalho é lançar um olhar sobre a inserção feminina no mercado de trabalho e quais dificuldades estão implicadas nessa busca, principalmente em áreas consideradas impróprias para as mulheres como a matemática, por exemplo. Esperamos apontar elementos de análise e motivar discussões entre meninas e moças, mobilizando para a busca de formação acadêmica e profissional.

**Palavras-chave:** *Dificuldades de aprendizagem. Diagnósticos. Habilidades. Língua materna. Matemática.*

## Introdução

A presença feminina tem se tornado cada vez mais intensa nos diversos ambientes sociais. Atualmente temos mulheres em cargos de liderança, chefia, área dos negócios, saúde, educação e economia. As mulheres estão inseridas até mesmo nas áreas consideradas predominantemente masculinas. No entanto, a conquista de muitos desses espaços significa uma série de dificuldades que muitas mulheres precisam ultrapassar para que, enfim, consigam atuar na profissão dos sonhos.

Este trabalho se interessa em como é visto a busca da mulher pelos espaços na sociedade, as dificuldades e superações envolvidos nesse processo, principalmente em áreas que são consideradas territórios masculinos como, por exemplo, as ciências exatas. A pesquisa possui caráter qualitativo e utiliza como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica a fim de garantir o embasamento teórico do texto, buscamos também referencial teórico em autores que trabalham com as temáticas envolvidas na problemática. Além disso, são utilizados exemplos artísticos apresentados no cinema que corroboram com a abordagem.

O percurso histórico das mulheres na luta por seus direitos em sociedade é muito instável devido situações que marcaram esse processo. Muitas conquistas foram alcançadas, no entanto, ainda existem barreiras sociais quando a mulher busca uma formação profissional e no exercício dessa profissão. Na área da Matemática não é diferente, mesmo em períodos tão atuais a mulher ainda precisa enfrentar barreiras que não foram totalmente extinguidas.

Com a reorganização das estruturas sociais as mulheres foram saindo do espaço privado e ganhando espaço no setor produtivo, garantido direito a educação, formação profissional, direitos trabalhistas e muitos outros avanços. No entanto, a conquista pelos direitos constitucionais não foi suficiente para extinguir as barreiras sociais que somavam como empecilho para a atuação feminina no mercado de trabalho, principalmente em áreas dominadas por homens como, por exemplo, a Matemática.

Ainda nos dias atuais as mulheres se veem sendo afastadas da matemática de várias maneiras, sob idealizações que insistem em serem reproduzidas dentro dos diversos ambientes sociais. A matemática como ciência produzida pelos homens e para os homens – aqueles únicos que possuem naturalmente a capacidade intelectual de compreender os a complexidade exigida pelos cálculos – continua sendo replicada e aplicada nas falas dos alunos, professores, pais, adultos e velhos, nas práticas pedagógicas e no currículo.

O objetivo geral deste trabalho é lançar um olhar sobre a inserção feminina no mercado de trabalho e quais dificuldades estão implicadas nessa busca, principalmente em áreas consideradas impróprias para as mulheres como a matemática, por exemplo. Como objetivo específico buscamos compreender quais fatores dificultam o acesso e interesse das mulheres pela matemática.

No sentido de favorecer o sucesso na escolarização e formação acadêmica de jovens mulheres faz-se necessário discutir alternativas que garantam o incentivo de seus estudos e, linearmente, o sucesso profissional. Propostas que possam gerar novas conexões entre meninas e a matemática, gerando novos incentivos, criando mais interesse e identificação.

#### **- O mercado de trabalho;**

Segundo Zart (2019), “as mulheres eram consideradas relativamente incapazes, diretamente dependentes dos maridos para os atos da vida civil até a década de 1960”. Por muito tempo as mulheres ficaram restritas ao espaço reprodutivo, este considerado o lar, ao passo que aos homens era destinado o espaço produtivo, o mercado de trabalho.

O processo da inserção feminina no mercado de trabalho aconteceu, principalmente, em dois importantes momentos na história da sociedade. O primeiro momento foi marcado pela chegada da Revolução Industrial, no século XIX, onde muitas mulheres, com a nova demanda de mão de obra nas grandes fábricas, saíram do setor privado para a esfera pública.

A mulher trabalhadora foi um produto da revolução industrial, não tanto porque a mecanização tenha criado para ela postos de trabalho onde

antes não existiam, mas porque no decurso da mesma ela se tornou uma figura perturbadora e visível (SOUSA, 2001, p. 15).

Para Sousa (2001), a notoriedade da mulher trabalhadora e assalariada era interpretada como uma situação problemática, “um problema de criação recente e que exigia uma resolução urgente” (p. 15). Em geral, as preocupações surgiam em decorrência a análise da capacidade feminina de desenvolver um trabalho externo e, ao mesmo tempo, continuar assumindo sua “função natural”, o cuidado com o lar e a maternidade.

Antes da industrialização, algumas mulheres já desempenhavam algumas funções para ajudar nos rendimentos da família, porém, todas as atividades eram essencialmente domésticas. Trabalhos de costureira, fiandeira, criada doméstica, eram algumas das funções exercidas por elas. (RAMALHO; FIGUEIREDO, ANO, p. 3)

O segundo momento foram as grandes guerras, 1<sup>o</sup> e a 2<sup>o</sup> Guerra Mundial, nas primeiras décadas do século XX. Devido o recrutamento masculino para lutar nas guerras, muitas mulheres sentiram a necessidade de assumir o papel como chefes do lar e cuidar da família. Após o final das guerras, muitos homens não conseguiram retornar para suas famílias, então as mulheres precisaram continuar desenvolvendo o papel de chefe por mais tempo.

Alguns estudos mostram que a justificativa para a diferença entre os salários masculinos e femininos foi fundamentada pelos economistas políticos do século XIX. Quando as mulheres começaram a adentrar as fábricas e tornaram-se trabalhadoras assalariadas, indagações sobre a mulher poder ocupar ou não esses espaços foram abordados, além dos questionamentos sobre o valor salarial para homens e mulheres.

Entre as justificativas estava que, o salário de um homem deveria ser suficiente para, além de manter seu próprio sustento, prover sua família. Enquanto as mulheres, que precisavam se desdobrar entre o trabalho, o cuidado dos filhos e do lar, o salário deveria ser apenas o suficiente para seu sustento próprio. Assim, a força de trabalho foi se dividindo levando em consideração o sexo e fazendo acepções a cada um deles, prática que ainda é imprimida nos formatos da sociedade atual (Sousa, 2001).

A autora Danièle Kergoat (2000) define a divisão sexual do trabalho como sendo:

A forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; esta forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc...) (KERGOAT, 2000, p. 01).

Ainda segundo Kergoat (2000), existem dois princípios que organizam essa forma de divisão social. O princípio da separação, que defende a distinção do trabalho masculino para o trabalho feminino e o princípio da hierarquização, o qual reconhece o trabalho de um homem sendo mais significativo do que o trabalho de uma mulher.

Esses princípios evidenciam uma ideologia naturalista, onde as habilidades, deveres, tarefas destinadas aos homens e as mulheres seriam definidas pelo sexo de cada um. Dessa maneira, o papel feminino como mãe, esposa e dona de casa era lhe destinado apenas pelo fato de ser mulher, enquanto os homens eram desbravadores, chefes e provedores do lar, pois essa era uma atribuição destinada ao seu sexo.

Com o surgimento dos estudos de gênero, as relações entre homens e mulheres ganharam uma nova perspectiva. Características que até então eram definidas pelo sexo passaram a ser estudadas como “relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais” (QUERINO; DOMINGUES; LUZ, 2013, p. 4), gerando novas discussões e desdobramentos. Dessa maneira, manifesta-se um novo jeito de analisar a forma como as atribuições por sexo são realizadas, permitindo com que muitas situações que antes eram vistas como naturais pudessem ser problematizadas.

### **A disponibilidade da mulher ao mercado;**

Durante muito tempo o papel da mulher ficou restrito a vida privada. Suas funções giravam em torno do cuidado, cuidar da prole, cuidar da casa e cuidar do esposo. A característica da mulher amorosa e dedicada era trabalhada desde a infância onde eram estimuladas com brincadeiras que propiciavam o desenvolvimento da subjetividade, atenção, cuidado e zelo, atributos

fundamentais para que, naquela época, fossem consideradas boas donas de casa.

Aos homens sempre foi reservado o papel de protagonismo. Educados para atuar na vida pública, os homens eram considerados fortes, inteligentes e independentes, verdadeiros desbravadores, aptos para o trabalho externo, aquele que garantia o controle e a provisão da família. Assim, o modelo familiar era muito bem definido, o pai como provedor familiar e a esposa como responsável pela manutenção do lar.

Com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho esse modelo familiar aos poucos foi se transformando à medida que as mulheres passaram a desenvolver novas expectativas de vida. “Isso permite destacar que, além da maternidade, a mulher passa a preocupar-se com a sua satisfação pessoal e o sucesso de sua carreira profissional buscando, por exemplo, o aperfeiçoamento por meio de estudos, a fim de garantir sua ascensão no mercado de trabalho” (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012, p. 8).

No entanto, essa busca ainda é marcada por fragilidades (PASSOS; SOUZA, 2020), pois mesmo tendo seus direitos trabalhistas garantidos as mulheres ainda encontram em seus espaços a concepção de que são próprias do lar. Esses preconceitos estão presentes nos diversos setores sociais, mas principalmente quando são utilizados como requisitos na contratação feminina para um determinado trabalho.

O ato da contratação de um funcionário é a representação de um investimento no negócio próprio, apesar de um investimento considerar riscos, o objetivo maior sempre será o retorno obtido através da aplicação. O investimento em uma mulher apresenta riscos que um investimento em um homem não apresenta, a ausência. A falta feminina está relacionada a fatores como a maternidade e os ciclos menstruais.

A maternidade é fator considerado na contratação de uma mulher, sendo ela algo já existente ou apenas planos futuros. Se a mulher possui filhos, a falta acontece em detrimento as necessidades desse filho, pois a mulher continua sendo a principal responsável pelo cuidado das crianças, aquela que precisa faltar no emprego caso o filho fique doente, precise ir ao médico, tenha reunião

na escola ou não tenha com quem ficar. Mesmo que a mulher não possua filhos, a opção da falta em algum momento não é descartada, ao contrário, se em determinado período ela decidir engravidar essa decisão quase nunca é vista com positividade, pois demanda mais benefícios da empresa e resulta em ausência no trabalho.

Quando consideramos a paternidade esses motivos não são considerados como empecilhos na tentativa em determinado emprego, em nenhum dos casos. Ter um filho, para os homens, é percebido até como fator favorável, pois entende-se que ser pai possibilita o desenvolvimento de habilidades que podem ser proveitosas no trabalho. Isso corrobora com a concepção de que o cuidado com a família ainda é tarefa majoritariamente feminina, mesmo que as mulheres desempenhem outros papéis a função de cuidadora recai sobre sua responsabilidade.

Além disso, os ciclos menstruais também podem causar a ausência feminina no trabalho. Os ciclos, que são processos diferenciados para cada mulher, em alguns casos, causam dores acentuadas, alterações de humor, baixo rendimento, mal estar, episódios que são capazes de afetar diretamente a produtividade no trabalho. Ou seja, a contratação de uma mulher é um risco por mais competência e nível de capacitação que ela possa ter, os critérios não pesarão para essas qualidades, mas sim para o quanto a mulher pode abdicar de sua vida pessoal em prol do trabalho.

Diante dessa situação, a mulher precisa abrir mão da maternidade e do desenvolvimento de sua vida pessoal para que possa dedicar-se exclusivamente ao lado profissional sem que seja prejudicada. Nesse ponto existe um paradoxo. Quando a mulher decide abrir mão da maternidade para focar no seu desenvolvimento profissional e suas aspirações de carreira precisa lidar com as críticas sociais por não estar procriando, pois, “toda mulher quer ser mãe” ou “só se torna verdadeiramente uma mulher completa após ter um filho e entender o amor materno”. Mas, por outro lado, quando as mulheres desejam ser sucedidas na carreira profissional e serem mães continuam sofrendo as duras críticas sociais sendo retratadas como mães que priorizam o trabalho, não possuem atenção com seus filhos e por isso, são péssimas mães.

Desta maneira, as mulheres precisam administrar suas vidas de modo que façam escolhas pertinentes a uma ou outra área. Não parece existir a possibilidade de conciliação da carreira profissional e a evolução da vida pessoal no que se refere à construção familiar e a maternidade sem que essas mulheres passem isentas das implicações advindas dos estigmas sociais.

Contudo, existem aquelas que não aceitam ceder de um por outro, tentam administrar as demandas que a vida privada e profissional exige. No entanto, segundo Zart (2019), o ingresso das mulheres no mercado de trabalho não excluiu a responsabilidade que recaía sobre elas em relação as tarefas do lar, “e sim gerou uma nova desigualdade existente tanto no âmbito privado como no doméstico” (p. 6). “Neste cenário, certas obrigações familiares, tais como o cuidado dos dependentes (crianças e idosos) e trabalhos domésticos, foram e continuam sendo obrigações predominantemente femininas” (FRANÇA; SCHIMANSKI, 2009, p. 9).

Responsáveis pela maioria das horas trabalhadas em todo o mundo, as mulheres, generosamente, cuidam das crianças, dos idosos, dos enfermos, desde

brando-se em múltiplos papéis. Esquecidas de si mesmas, acabam por postergar um debate que se faz urgente: a divisão desigual das responsabilidades da família, a injustiça de sozinha, ter de dar conta de um trabalho de que todos usufruem (PEREZ, 2001, p. 52).

Fica claro as transformações no âmbito econômico, privado, profissional e principalmente na estrutura familiar. O homem deixa de ser compreendido como o único provedor e passa a operar em conjunto com a mulher dividindo as despesas domiciliares, no entanto, essa parceria não se estende as atividades domésticas.

As mulheres dedicam-se tanto ao trabalho quanto o homem e, quando voltam para casa, instintivamente dedicam-se com a mesma intensidade ao trabalho doméstico. Embora alguns homens ajudem em casa, não chegam nem perto da energia que a mulher tende a dar (PROBST, 2013, p.4).

Segundo uma pesquisa desenvolvida pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), no 4º trimestre de 2019 as mulheres empregaram 95% de tempo a mais nas tarefas da casa do que os homens. A média de horas destinadas aos afazeres domésticos por parte das mulheres foi de 21h18 enquanto os homens dedicaram apenas 10h54 para a mesma finalidade.

A maneira como a organização do trabalho no espaço privado acontece não está relacionado a disponibilidade do homem e da mulher, é algo pré-definido, um modelo definido através da história e que ainda ressoa nos dias atuais. As mulheres conseguiram ultrapassar barreiras relativas a seus estudos, formação e o ingresso no mercado de trabalho, mas ainda carregam consigo a responsabilidade total sobre o ambiente reprodutivo. Segundo uma pesquisa, realizada por Zart (2019), que buscou compreender a logística dentro das relações de mulheres adultas, sobre trabalho, cuidado com os filhos, relacionamento conjugal e divisão de tarefas, notou-se que grande parte das entrevistadas revelaram incomodar-se com a forma que acontece a divisão doméstica de tarefas, porém evitavam cobrar seus cônjuges para evitar conflitos dentro do relacionamento. Confessaram ainda que não destinam muito tempo para atividades de lazer, pois são as principais responsáveis pelo cuidado com os filhos, diferentemente dos seus parceiros que possuem encontros semanais para se divertirem com os amigos em futebóis e churrascos, ocasiões que não antecedem uma comunicação com as parceiras sobre a responsabilidade dos filhos.

Todas as mulheres entrevistadas eram empregadas, algumas com ensino superior completo. No entanto, essa responsabilidade laboral não as isentava das obrigações domésticas e familiares. Mesmo aquelas que afirmavam “receber ajuda” quando solicitado complementavam declarando que a ajuda era em afazeres muito específicos, no final, eram as responsáveis pela maior parte do trabalho. Algumas possuíam empregada doméstica que realizavam o trabalho doméstico quinzenalmente, outras contavam com a rede de apoio familiar no cuidado com os filhos, mas que se não fosse assim precisariam abrir mão do trabalho para ficar com as crianças.

Na organização da sociedade, fatores como renda, anos de estudo, tipo de ocupação, além de idade e quantidade de filhos se associam diretamente ao modo e as condições como homens e mulheres se inserem e permanecem no mercado de trabalho, dando evidência ao fato de que jornadas domésticas e jornadas mercantis não são neutras ao gênero (ZART, 2019, p. 31).

Neste sentido, as mulheres buscam formação profissional com o objetivo de se capacitarem para o ingresso no mercado de trabalho e assim conseguirem alcançar a autonomia financeira. No entanto, continuam sendo duramente

cobradas pela sociedade no que se refere a ideia social de que possuem por obrigação as responsabilidades sobre o cuidado com os afazeres doméstico, filhos e família.

Além disso, percebemos através das pesquisas científicas por meio de entrevistas com mulheres de várias idades que elas estão, na maior parte do tempo, se anulando em prol do bom convívio familiar, evitam cobranças em relação a divisão igualitária de atividades domésticas e cuidados com os filhos, pois não querem criar conflito com seus parceiros. Por outro lado, se sentem “implorando” por ajuda nas atividades domésticas, o que é mais um fator que contribui para que elas optem por desenvolverem as tarefas sozinhas, mesmo sentido a desigualdade (ZART, 2019).

### **Formação da mulher;**

Está introjetado na sociedade que a educação proporciona uma melhor qualidade de vida, pois é através do conhecimento que as pessoas conseguem se instrumentalizar para o mercado de trabalho e, dessa maneira, tem possibilidades de ascender economicamente conseguindo sua liberdade financeira.

Ao olharmos as estatísticas sobre o número de pessoas que buscam essa formação profissional através da graduação percebemos que há uma discrepância entre os sexos. De acordo com dados divulgados pelo IBGE na segunda edição do estudo Estatística de gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil, no ano de 2019 as mulheres representavam 29,7% da frequência no ensino superior enquanto os homens representavam 21,5%. O estudo considerou pessoas entre 18 a 24 anos.

A PNAD Contínua 2019 mostra que 40,4% dos homens não possuíam formação ou possuíam somente o fundamental completo, enquanto esses números para as mulheres eram de 37,1%. Quando buscamos pela quantidade com a formação superior o número cai para 15,1% para os homens, e 19,4% para as mulheres.

Podemos considerar que o maior número de mulheres nos cursos superiores reflete uma preocupação feminina pelo seu processo formativo. Isso ocorre porque as mulheres planejam suas vidas tomando uma perspectiva futura, ou seja, são conscientes da necessidade de capacitar-se para que possam entrar no mercado de trabalho. Enquanto os homens concentram sua preocupação nas situações presentes, por isso priorizam o trabalho à educação.

Hoje a identidade da mulher não está mais diretamente associada à maternidade, ao casamento e à procriação. A mulher vem conquistando novos espaços, assumindo novos papéis e funções, sendo inegável a ascensão da mulher no mercado de trabalho e na vida intelectual (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012, p. 13).

A participação das mulheres no mercado de trabalho foi uma conquista marcada por muitas lutas, sacrifícios e até mesmo tragédias. Um processo lento que envolveu debates sobre o papel social da mulher, o questionamento de suas habilidades e competências, incluindo sua própria inteligência.

Atualmente existem mulheres nos mais variados espaços profissionais, cargos bem como funções.

As mulheres ocupam postos nos tribunais superiores, nos ministérios, no topo de grandes empresas, em organizações de pesquisa de tecnologia de ponta. Pilotam jatos, comandam tropas, perfuram poços de petróleo. Não há um único gueto masculino que ainda não tenha sido invadido pelas mulheres. Não há dúvidas de que nos últimos anos a mulher está cada vez mais presente no mercado de trabalho. Este fenômeno mundial tem ocorrido tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, e o Brasil não é exceção (PROBST, 2013, p. 1).

Ainda que a inserção feminina no mercado de trabalho seja um processo marcado por desigualdades aos poucos as mulheres vão galgando novos lugares e oportunidades. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na segunda edição do estudo “Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil” do ano de 2019, as mulheres possuem uma taxa de 54,5% no que diz respeito a participação na força de trabalho.

Quando já não se necessita tanto de vigor físico para a caça, vale mais o conhecimento que permite salgar ou defumar a carne, de modo a preservá-la por mais tempo. Enfim, caso Tarzan não se recicle, os filmes do futuro serão estrelados somente por Jane (PROBST, 2013, p. 3).

No entanto, mesmo após a conquista dos direitos trabalhistas, sua dedicação e crescimento no mercado de trabalho, a mulher ainda precisa lidar

com discriminações que perduram na sociedade. Podemos observar um recorte dessa discriminação ao observarmos a diferença salarial entre homens e mulheres. De acordo com um levantamento do IDados, tomando por base os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do IBGE, as mulheres receberam cerca de 20,50% a menos que os homens no 4º trimestre de 2021. O estudo foi realizado considerando critérios para ambos os sexos, isto é, o mesmo cargo e mesma função.

Portanto, os salários inferiores destinados as mulheres mostram que a busca pela igualdade deve ser uma constante. Ainda depois de superados muitos preconceitos no que concerne a capacidade intelectual feminina, permanecem enraizados na concepção social a existência de uma insuficiência nas áreas que não foram historicamente construídas como natural para as mulheres.

A Lei nº 14.457/2022 é mais uma conquista recente das mulheres pelo seu espaço e valorização de trabalho. Essa lei estabelece o programa “Emprega + mulheres”, “que promove a inserção e a manutenção das mulheres no mercado de trabalho, por meio do estímulo à aprendizagem profissional e de medidas de apoio aos cuidados dos filhos pequenos” (GOV.BR, 2022). Além disso, também garante abertamente a igualdade salarial entre mulheres e homens que desempenhem a mesma tarefa profissional.

### **Formação em matemática;**

Como já vimos, as mulheres representam a maior parte dos ingressantes e concluintes no ensino superior. São interessadas em expandir o currículo profissional a fim de garantir melhores oportunidades no mercado de trabalho. Progressivamente vão se estabelecendo na sociedade como sujeitos produtivos que contribuem com a economia, política e a ciência. Estão inseridas nos mais diversificados ambientes e desenvolvem atividades que requerem força física e intelectual, provando que a concepção construída através dos longos anos da história, sobre a mulher frágil e pulcra, não as aprisiona mais.

Entretanto, existem caminhos que parecem menos dificultosos que outros para as mulheres no que se relaciona a sua busca pela profissionalização. Assim como na vida social foi se distinguindo qual seria o papel do homem e qual seria o papel da mulher, nas áreas do conhecimento não foi diferente. Saberes apropriados ao masculino e ao feminino foram definindo qual espaço era natural de cada um deles. Esses espaços eram diretamente definidos considerando as características atribuídas nas construções das relações de gênero de cada sexo.

De acordo com Zart (2019), “está estabelecido na nossa sociedade uma imposição relativa às mulheres em relação às atividades de reprodução pois estão socializadas como o gênero cuidador e mediador por excelência, que ultrapassa as fronteiras do lar e independe da posição familiar que ocupam. Mulheres que longinquamente foram definidas como seres subjetivos e emotivos são frequentemente bem vistas nas áreas que envolvem tais características” (p. 6). Domínios que demandem cuidado e envolvimento são considerados mais adequados para a mulher, como, por exemplo, a área da saúde, literatura, artes e comunicação. Aos homens são ligadas as áreas que prezem pelo rigor e a racionalidade, como é o caso das Engenharias, Ciência da Computação, Física e Matemática.

Um gráfico produzido pelo Gema (Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa), divulgado no ano de 2020, apresenta a proporção entre gênero em relação aos docentes das pós-graduações nacionais. As estatísticas revelam que em apenas 34% das áreas do conhecimento as mulheres possuem equivalência com os homens. Do total de 105575 docentes que possuem vínculos a cursos de pós-graduação de 80 áreas do conhecimento foi evidenciado que 58% são homens, sendo as mulheres apenas 42% desse total.

### **Exemplos artísticos.**

**Filme: O diabo veste prada**

**Ano: 2006**

O filme retrata a estória de duas mulheres, Miranda, uma poderosa editora de uma revista sobre moda, tem sua carreira consolidada, mas precisa se

dedicar muito no trabalho para manter seu sucesso, e Endy, uma jovem que acabou de se formar numa faculdade e está à procura de uma oportunidade no mercado de trabalho. A trama mostra como essas duas mulheres tentam conciliar as duas esferas principais de suas vidas, o âmbito pessoal e o profissional.

Miranda é uma mulher madura, possui duas filhas e um casamento, conseguiu ascender ao topo da carreira, é renomada, reconhecida e muito respeitada. Andy é recém formada na faculdade e está em busca de novas oportunidades no mercado de trabalho, sem experiência profissional e sem boas indicações procura oportunidades enquanto divide aluguel com seu namorado.

Entre as tramas na história do filme o que chama atenção é que as duas mulheres conseguem ganhar espaço e se firmarem profissionalmente, veem suas carreiras brilhantes se estabelecendo pelo esforço aplicado. No entanto, o dilema ainda está lá, a conciliação da vida pessoal com a vida profissional. Em momentos cruciais profissionalmente essas duas mulheres observam suas vidas pessoais se desfazendo aos poucos, pois precisaram demandar muito tempo ao trabalho e não encontraram apoio em seus parceiros durante esse processo.

Curiosamente, o único momento do filme em que Andy se sente encorajada por seu namorado é quando ela liga dizendo achar que será despedida e por isso pedirá demissão antes. Nate, seu namorado, esboça um sorriso e estimula Andy afirmando que pelo menos ela estaria “livre” e em seguida diz que fará um jantar – como se o fato de sua namorar tomar a decisão de desistir dos seus sonhos seja motivo para comemorar.

Uma outra situação que deixa totalmente evidente a necessidade de escolher entre o pessoal e o profissional é uma frase proferida por Nigel, diretor de arte, em que o personagem responde para Andy, após a confissão dos problemas pessoais que enfrentava com seu namorado, “Só me avise quando sua vida pessoal virar fumaça, quer dizer que será promovida”. Assim dizendo, fica explícito a ideia de que não é possível uma mulher se desenvolver pessoalmente e profissionalmente de maneira simultânea. O preço a ser pago para obter sucesso no trabalho é sacrificar as aspirações pessoais.

Quando consideramos quem exerce o papel de vilão no filme, num primeiro momento identificamos a personagem Miranda, pois é sempre muito exigente, distante, meticulosa, rigorosa, sendo definida até como cruel. Isso faz com que tendemos ao pensamento de que ela é o percalço para o sucesso de Andy, que apesar dos esforços não recebe congratulações pelo seu trabalho. Porém, com a popularidade cada vez maior do filme novas perspectivas foram surgindo. Nate, o namorado de Andy, é apontado como o verdadeiro vilão do filme, pois não era maduro para entender as necessidades de Andy e as prioridades que precisava destinar ao seu trabalho. Ao longo do filme Nate se coloca como um desencorajador de Andy, dizendo sempre qual era a melhor escolha a se fazer e, além disso, se chateando todas as vezes que Andy optava por outra alternativa.

Os filmes e séries abordam com certa frequência a dubiedade que muitas mulheres passam quando decidem conciliar o profissional e o pessoal. O que podemos observar com os exemplos é que muito raramente as mulheres conseguem sucesso em todas as áreas, o que acontece são mulheres precisando escolher entre uma área ou outra. Desse modo, temos mulheres ocupando cargos de direção, mas que são separadas, não conseguem manter um relacionamento duradouro por falta de compreensão pelo tempo dedicado ao trabalho e/ou sofrem com o distanciamento dos filhos.

## **Sobre o foco do trabalho**

### **- Introdução**

A matemática é caracterizada como uma ciência difícil, complexa e rigorosa. Essa idealização é reforçada por longos cálculos que demandam conhecimentos prévios como, por exemplo, fórmulas, propriedades, corolários e teoremas, aplicações que auxiliam o descobrimento do resultado, este geralmente tido como único. Uma concepção que reforça a divisão entre pessoas que são das ciências humanas das que optam pelas ciências exatas.

Desse modo, a matemática categoriza os seres humanos entre os que “sabem” e os que “não sabem”, entre os “racionais” e os “irracionais”, pessoas dotadas de inteligência, outras nem tanto. Além disso, a matemática também

confere um nível de importância sobre coisas assim como pessoas. As temáticas que são tratadas para contextualização ou então aplicações dos cálculos matemáticos precisam estar de acordo com a concepção do que é considerado relevante perante a sociedade. Sendo assim, a matemática é racionalizadora, pois racionaliza as coisas.

Morin (2000), na obra “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, afirma que “uma doutrina que obedece a um modelo mecanicista e determinista para considerar o mundo não é racional, mas racionalizadora” (p. 23). O autor distingue a racionalidade da racionalização. A racionalidade é uma sentença aberta, pois admite a contestação e a verificação sobre sua construção. Por outro lado, a racionalização é fechada, uma vez que “ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida irracional” (p. 23).

A verdadeira racionalidade sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. Negocia com a irracionalidade, o obscuro, o irracionalizável. É não só crítica, mas autocrítica. Reconhece-se a verdadeira racionalidade pela capacidade de identificar suas insuficiências (MORIN, 2000, p. 23).

Assim, criou-se o pensamento de que a matemática é uma área seleta, tão difícil que algumas pessoas simplesmente não possuem a capacidade intelectual para raciocinar suas operações. Por consequência, esta área do conhecimento tem sido cenário de muitas desigualdades e preconceitos, possuindo muitos apreciadores, mas diversos contrários também. A seguir, abordamos algumas características da matemática sob forma de enunciados; Matemática machista, matemática patriarcal e matemática centralizadora. Para cada aspecto apresentamos uma perspectiva teórica e uma proposta de intervenção.

### **- Matemática machista**

Por muitos anos a matemática foi um espaço restrito apenas aos domínios masculinos. Essa dominância era pautada no argumento de que as mulheres, em sua natureza, não possuíam capacidade intelectual para os cálculos matemáticos. A ideia da superioridade masculina para as áreas exatas atravessou a história superando a promulgação de leis e direitos garantidos

institucionalmente, surgindo nos espaços sociais através de enunciados que revelam esse pensamento antiquado ainda em períodos atuais.

Segundo Oliveira e Cavalari (2019), as mulheres puderam “participar na produção do conhecimento científico apenas no final do século XIX” (p. 2). No Brasil, apenas em 1827 as mulheres conseguiram o direito de frequentarem escolas para estudarem além do ensino primário, enquanto o direito ao acesso às faculdades foi assegurado mais tarde, apenas em 1879. Chassot (2004), afirma que “ainda nas primeiras décadas do século XX, a ciência estava culturalmente definida como carreira imprópria para a mulher” (p. 13).

Superado as dificuldades no que concerne o direito de acesso e formação das mulheres na matemática, a comprovação da inexistência de uma possível diferença biológica que pudesse culminar na justificativa da melhor aptidão masculina aos números, ainda existem preconceitos que se entornam na vida das mulheres e se instauram como barreiras para sua participação nessa área do conhecimento. Henrion (1997 apud OLIVEIRA; CAVALARI, 2019) corrobora afirmando que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres vão se remodelando em decorrer do tempo.

Esses preconceitos transparecem, também, através de alguns enunciados que estabelecem comparações, hierarquizações e enquadramentos. Enunciados sobre mulheres, homens e matemática circulam nos diferentes ambientes sociais, dentro e fora da escola, entre alunos e alunas, professores e professoras, pais e mães, amigos e amigas, jovens, adolescentes, velhos. Ditos que carregam consigo uma idealização construída historicamente, em que determinam as supostas habilidades – ou falta delas – pertencentes a homens e mulheres.

Características como racionalidade, foco, controle são frequentemente relacionadas aos homens. Já as mulheres são consideradas cuidadosas, amáveis, subjetivas. “Enfim, a ‘razão’ (à qual ‘a matemática’ estaria ligada) é proclamada em prosa e verso como masculina; e a desrazão (que se desvincula e se afasta da ‘matemática’) é caracterizada como feminina” (SOUZA; FONSECA, 2010, p. 14). Nesse contexto, as mulheres, supostamente, não possuem qualidades que a tornem capazes de compreender a complexidade dos números e a abstração que a matemática apresenta.

Entre os enunciados capturados por Sousa e Fonseca, em seu trabalho, está que “homem é melhor em matemática (do que mulher)”. Para as autoras, “é necessário indagar-nos sobre por que, ainda nos dias atuais, as coisas estão postas dessa forma, subsistindo, ‘como uma verdade’, que os homens são melhores em matemática do que as mulheres”. Atrelado a essa ideia, Barbosa (2016, p. 40) contribui afirmando que “a dicotomia masculino/feminino com relação à matemática não é natural: ela é construída, e possui muitos reflexos e desdobramentos”.

Como consequência, as mulheres se sentem desconfortáveis em relação a matemática (Souza e Fonseca, 2010), esse desconforto diz respeito ao fato de as mulheres não sentirem confiança na sua capacidade para a matemática o que implica na hesitação para admitirem que são competentes no uso da matemática em seus diversos modelos, tanto no que concerne ao modo o qual é apresentado no currículo escolar como na utilização cotidiana em suas tarefas ordinárias.

Como as mulheres foram afastadas do desenvolvimento da ciência, ficando esse desenvolvimento quase que inteiramente no encargo masculino, essa área foi sendo construída com caracterizações masculinas. Essas representações masculinas estão impregnadas na predominância dos conteúdos que levam o nome de seus criadores como, por exemplo, o conhecido Teorema de Pitágoras, Teorema de Tales e Teorema de Laplace, entre tantos nomes que são mencionados durante as aulas e que possuem suas histórias retratadas em livros didáticos como, por exemplo, Euclides, René Descartes, entre outros sábios que compõem a centralidade da história da matemática.

Os livros didáticos, principal recurso utilizado pelo professor como material de apoio para as aulas, também apresentam imagens estereotipadas sobre o papel da mulher e do homem na sociedade, “ilustrando mulheres em ambiente doméstico e homens em situações como protagonistas no fazer científico” (ROSA; SILVA, 2015, p. 1). Além disso, é normal encontrarmos nos livros didáticos problemas que utilizam como contextualização alguns jogos, como por exemplo, o jogo de futebol, muito popular entre os garotos.

Entendemos que o jogo de futebol não é um esporte apenas de homens, tanto que existe a seleção brasileira feminina (CBF), com jogadoras talentosas e um público fiel. Porém, reconhecemos uma afirmativa instaurada na sociedade que coloca o futebol como um entretenimento particularmente masculino,

passando pelo processo no qual as atividades masculinas são mais valorizadas e interpretadas com maior relevância, tornando-se apropriado até mesmo para ser utilizado em sala de aula. À exemplo do futebol, várias outras questões que pertencem ao lugar/coisas de homens, de um ponto de vista estereotipado, recebem maior importância, sendo questões relacionadas ao lazer ou profissão.

O que acontece é que, temáticas pertencentes ao lugar/coisas de mulheres, ainda do ponto de vista estereotipado, não possuem a mesma valorização. É possível trabalhar conceitos matemáticos utilizando temáticas como beleza e estética, que apesar de não ser algo inteiramente feminino, carrega o padrão básico de ser considerado “coisa de mulher”, por isso, fútil demais para ser aplicado nas aulas de matemática.

No entanto, a área da estética e da beleza utilizam princípios matemáticos em suas construções, princípios que podem ser trabalhados em sala de aula, integrando parte dos materiais didáticos e das construções de problemáticas, distanciando-se dos modelos estereotipados que compõem os materiais didáticos os quais, por sua vez, contribuem com a transmissão dos estereótipos de gênero.

### **- Matemática Patriarcal**

Por muito tempo o modelo de ensino tradicional foi utilizado nas salas de aula pela maioria dos professores. Uma sala com os alunos enfileirados em suas carteiras, todos voltados para o professor que, por sua vez, assume o controle da situação e da fala. Lousa cheia de cálculos, aulas expositivas, longas listas de exercícios. Neste cenário, o professor se torna o centro da formação do aluno.

É possível que alguns professores nem saibam utilizar outros formatos para ministrarem suas aulas. Isso porque, no contexto tradicional, o professor possui total domínio da aula, tendo conhecimento sobre o que será ensinado aos alunos e o que esperar como “resultado” da lição. A tradicionalidade nas aulas de matemática parece um lugar agradável pois, garante a comodidade do professor frente a possíveis situações que podem comprometer sua autoridade diante dos alunos.

Esse tipo de ensino parece não ter bons resultados, haja vista as altas taxas de reprovação em matemática no Ensino Básico e até mesmo no Ensino Superior, além da popular rejeição à matemática por parte do

alunado, o que tornam um desafio para a educação matemática (EM) promover estudos a favor de um ensino matemático mais bem sucedido. (MILANI, 2012, p. 1)

Neste sentido, autores como Paulo Freire (2008), Alrø e Skovsmose (2004) abordam a relação professor-aluno em sala de aula, defendendo a autonomia dos alunos e uma prática docente que contemple a experiência e a participação ativa dos alunos.

Freire (2008) caracteriza as relações educador-educandos como sendo, sobretudo, narradoras, dissertadoras. Neste contexto, os professores são os sujeitos narradores que apenas “depositam” o conhecimento nos educandos que “memorizam e repetem” (p. 33). Freire (2008) denomina este modelo como “educação bancária”.

O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; [...] O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; [...] O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele (FREIRE, 2008, p. 34).

Para Freire (2008), o modo da educação “bancária” não possibilita aos alunos o desenvolvimento de uma consciência crítica, que viabiliza “sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos” (p. 34). Na tradicionalidade das aulas de matemática os alunos não possuem espaço para participarem de maneira ativa das situações propostas, nem possuem suas bagagens – as experiências vivenciadas fora do contexto escolar – consideradas. O aluno é compreendido como recipientes vazios que precisam ser preenchidos pelo educador (Freire 2008).

É comum em exercícios de matemática ordens como: arme, efetue, calcule. Sempre o verbo no comando imperativo. Não se questiona o porquê daquilo, apenas tenta-se resolver. O aluno não participa do processo ativamente. É apenas obrigado a responder o que está posto. E o que está posto deve ser aceito sem questionamentos. O mais agravante ainda é que esses tipos de exercícios são tão fechados que não permitem uma avaliação que não seja a certa ou errada. Não existe reflexão sobre o exercício, seus objetivos, porque o aluno está errado em seu raciocínio (MILANI, 2012, p. 7).

É no contexto da problematização do modelo tradicional de ensino que trazemos os escritos de Alrø e Skovsmose (2004, 2006) sobre as formas de comunicação nas aulas de matemática. Os autores propõem o diálogo através do modelo de investigação, que envolve correr riscos e promover igualdades. No modelo de cooperação investigativa o professor não possui o controle das etapas

que normalmente acontecem no ensino tradicional, isso porque não se pode prever quais os rumos que a investigação seguirá através das descobertas. Essa imprevisibilidade pode ser desconfortável para os professores que deixarão o papel de sujeito no processo formativo para buscar uma relação mais igualitária com os alunos através do diálogo.

Compreende-se a relação desigual que existe entre professor e aluno no que diz respeito ao conhecimento sobre matemática, no entanto, o objetivo através do diálogo é que seja estabelecida uma relação interpessoal igualitária entre educador e educando (MILANI, 2012). O aluno pode ser participativo nas aulas por meio do diálogo, porém é necessário que haja respeito quanto as diferenças na maneira de pensar determinada situação, tanto dos alunos quanto do professor.

Contudo, para que o diálogo seja estabelecido e mantido durante as aulas de matemática é fundamental que os alunos estejam comprometidos com a investigação. Para tanto, uma maneira de fazer com que esse interesse por parte dos alunos se sustente durante a atividade é abrir espaço para que eles também possam sugerir assuntos para serem investigados. Dessa maneira, os alunos poderão propor temáticas que fazem parte de sua trajetória fora da escola, isso permitirá com que o professor possa conhecer melhor seus alunos.

Além do modelo de investigação, Alrø e Skovsmose (2004) falam sobre os “atos dialógicos” que configuram a segunda característica do diálogo. Os atos dialógicos são oito ações que “auxiliam tanto na manutenção como no desenvolvimento do diálogo” (MILANI, 2012 p. 3). Estes atos são; estabelecer contanto, perceber, reconhecer, posicionar-se, pensar alto, reformular, desafiar e avaliar. Todas essas etapas acontecem de maneira em que professor e alunos estejam envolvidos.

Os atos dialógicos consideram a perspectiva de cada sujeito dentro da sala de aula, tanto do professor quanto de cada aluno. Portanto, neste contexto não existe uma verdade absoluta, um certo ou errado e, tampouco, o professor na posição de detentor de todo o conhecimento. No processo de investigação o aluno é estimulado a desenvolver uma “competência crítica”, termo utilizado por

Skovsmose (2013) ao tratar da importância da relação professor/aluno dentro dos estudos de uma educação crítica.

Para Skovsmose (2013), não é possível o aluno pensar de maneira crítica quando é visto de maneira secundária no que tange o conhecimento sobre “matemática”. O diálogo possibilita que o aluno, com o decorrer do desenvolvimento das atividades investigativas, desenvolva uma autoconfiança sobre seus posicionamentos e perspectivas, promovendo também o exercício de ouvir e respeitar a perspectiva do próximo, entendendo que é possível a coexistência de posicionamentos diferentes de maneira que não seja necessário separá-los em certo errado.

### **- Conclusão**

Assim, os pontos abordados no desenvolvimento deste trabalho e toda a pesquisa necessária para sua construção nos permitem compreender os encaixos que as mulheres precisaram enfrentar – e ainda enfrentam – pelo estabelecimento e exercício de seus direitos na sociedade. Mesmo quando as mulheres buscam uma qualificação afim de se capacitarem para o mercado de trabalho, não recebem a dimensão profissional devida por conta que para serem consideradas competentes profissionalmente elas precisam abnegar sua natureza feminina.

Neste sentido, as mulheres passam por um processo de masculinização, tendo que optar pelo desenvolvimento de uma área específica de suas vidas, o que envolve a renúncia da construção familiar, vida pessoal e de suas temáticas, ou seja, características femininas que nem sempre são consideradas relevantes em determinadas áreas profissionais. A matemática, pertencendo as ciências exatas, é uma dessas áreas dominadas pelos estereótipos masculinos, por isso, quando a mulher decide seguir este caminho, começa assumir temáticas masculinas com o intuito de ganhar espaço e ser respeitada dentro da profissão. Dessa maneira, a mulher passa a reproduzir o padrão racionalizante matemático, sendo machista e patriarcal.

Como resultado, entendemos a necessidade da inclusão de elementos do universo feminino dentro da matemática, enfatizando que essas características

não são futilidades, são conhecimentos que podem ser abordados através de construções matemáticas. Assim, jovens meninas poderiam abrir seus horizontes para a matemática pois encontrariam referências sobre suas próprias características, desmistificando a concepção da matemática como uma ciência adequada aos homens. No entanto, ainda existe um caminho a ser percorrido, que envolve pesquisas e mais alguns estudos. O tema deste trabalho é amplo, possui vários desdobramentos que não cabem em uma única pesquisa, por isso, é importante que novos trabalhos sejam desenvolvidos.

## REFERÊNCIAS

ALRØ, H.; SKOVSMOSE, O. **Diálogo e aprendizagem em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CARVALHO, T. F.; FERREIRA, D. H. L.; PENEREIRO, J. C. **Matemática, Mulheres e Mitos: causas e consequências históricas da discriminação de gênero**. Educação Matemática e Pesquisa. São Paulo, v.18, n.2, p. 571-597, 2016.

FRANÇA, Ana Letícia de; SCHIMANSKI, Édina. **Mulher, trabalho e família: uma análise da dupla jornada de trabalho feminina e seus reflexos no âmbito familiar**. Ponta Grossa: Emancipação, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

KERGOAT, D. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. Tradução de Miriam Nobre, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. Ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

PROBST, E. R. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Revista Leonardo Pós, Instituto Catarinense de Pós Graduação - ICPG, Itajaí/SC, vol.2, nº.2, p.1-8, 2005.

SIMÕES, F. I. W; HASHIMOTO, F. **Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX**. Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas: Universidade Federal dos Vales dos Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, ano 1, n. 2, outubro. 2012.

SAMARA, de Mesquita. **O que mudou na família brasileira? Da colônia à atualidade.** Vol. 13 no. 2. São Paulo: USP, 2002.

SANCHES, Solange, GEBRIM, Vera Lucia M. **O Trabalho da mulher e as negociações coletivas.** Estudos avançados 17(49) , 2003.

SOUSA, Mirian Chaves de. **A mulher no mercado de trabalho.** Rio de Janeiro. 2001.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação Matemática Crítica: A questão da democracia.** 3ª ed. Campinas: Papirus, 2006 (Coleção Perspectivas em Educação Matemática), 160 p.

SKOVSMOSE, O. **Cenários para Investigação.** Bolema, Rio Claro, v. 13, n. 14, p. 66-91, 2000.

ZART, P. E. **A dupla (ou múltipla) jornada de trabalho feminina e o princípio da igualdade: reflexão sobre a submissão da mulher e a divisão desigual do trabalho doméstico.** Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, novembro, 2019.